

**A ORGANIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DE GOIÁS (1900-1944) E A ESTRUTURA DO  
CAMPO LEXICAL TRABALHO NA OBRA DE TEIXEIRA (1944)**

**THE GOIÁS SOCIOECONOMIC ORGANIZATION (1900-1944) AND THE TEIXEIRA'S  
WORK STRUCTURE OF THE LEXICAL FIELD WORK (1944)**

**Rayne Mesquita Rezende**

Universidade Federal de Goiás

**Maria Helena de Paula**

Universidade Federal de Goiás

**RESUMO:** Objetivamos traçar o perfil socioeconômico do estado de Goiás, em um recorte temporal que abrange as quatro primeiras décadas do século XX, mediante a investigação das unidades lexicais referentes ao campo lexical trabalho. Para tanto, utilizaremos como *corpus* os itens léxicos designadores das profissões, locais e instrumentos de trabalho descritos na obra "Estudos de Dialetologia Portuguesa – Linguagem de Goiás", de José Aparecido Teixeira (1944), contidos nas seções "Prefácio" e "**Glosário** Regional". Iniciamos com uma sinopse dos acontecimentos sócio-históricos, que delimitaram a constituição econômica e social de Goiás. Na sequência, apresentamos os aspectos principais da obra que nos serviu de material de estudo, seguida de uma discussão sobre a língua, cultura e léxico. Posteriormente, as unidades inventariadas foram elencadas na estrutura de campos lexicais de acordo com os pressupostos teóricos de Coseriu (1977) e Geckeler (1971) e cotejadas com informações de ordem histórica, política e econômica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Goiás; Década de 1940; Campo lexical; Trabalho.

**ABSTRACT:** We objectify to trace the socioeconomic profile of the state of Goiás, in a time frame that spans the first four decades of the twentieth century, through the investigation of lexical units for the lexical field work. To this end, we will use as corpus lexicons designators professions items, local and tools described in the book "Estudos Dialetologia Portuguesa – Linguagem de Goiás'", by José Aparecido Teixeira (1944), contained in the "Prefácio" and "**Glosário** Regional ". We begin with an overview of socio-historical events, which delimited the economic and social constitution of Goias. Following, we present the main aspects of the work which was our study material, followed about a discussion of the language, culture and lexicon. Subsequently, the units inventoried were listed in the lexical field structure in accordance with the theoretical assumptions of Coseriu (1977) and Geckeler (1971) and collated with information of historical, political and economic.

**KEYWORDS:** Goiás; 1940s; Lexical field; Work.

**1 Itinerário histórico goiano nas quatro primeiras décadas do século XX**

Para executar um estudo que tenha como objeto de investigação o léxico relativo às nominatas do setor econômico de uma sociedade, indubitavelmente temos que dissertar sobre os seus aspectos históricos, visto que o contexto sócio-histórico refletido

neste léxico poderá nos permitir compreender o *modus vivendi* do agrupamento social em questão.

Munidos de tal intenção é que aduzimos em ordem cronológica a sucessão dos fatores determinantes para o resultado da organização socioeconômica goiana no período de 1900 a 1944, a saber, a expansão da malha ferroviária do estado de São Paulo até Goiás e a construção de Goiânia. Antes, porém, por uma questão de linearidade histórica, recuamos um pouco no tempo para, em seguida, averbar sobre nosso tema central em sua gênese.

Tratar da conformação econômica de Goiás remonta automaticamente à mineração, sua primeira atividade em larga escala, que ocasionou o povoamento da antiga capitania. Por ter sido a alavanca propulsora do referido setor durante o século XVIII e início do XIX, a derrocada da atividade minero-extrativista devido à escassez do ouro, sua matéria-prima, deixou o estado no mais profundo isolamento e estagnação social.

Conquanto tenha permanecido esta situação geral, ao longo do século XIX em todo o imenso estado de Goiás, um fator em seu último decênio foi de importância crucial para iniciar as alterações no sistema de produção das atividades do setor primário aqui desenvolvidas – a ampliação da malha ferroviária paulista que, de acordo com Estevam (1998), consiste na pedra fundamental para as transformações econômicas mais visíveis no estado.

Atendendo aos interesses de cafeicultores paulistas que precisavam expandir suas relações comerciais e aumentar o seu contingente de vendas para as regiões mais isoladas, entre os anos de 1889-1896, a ferrovia Mogiana tem sua malha amplificada, passando a abranger também as cidades do Triângulo Mineiro (Uberaba, Uberlândia e Araguari), região fronteiriça ao sul (sudeste e sudoeste) goiano.

O intercâmbio mais direto com o grande centro comercial paulista fez com que o Triângulo Mineiro adquirisse o *status* de centro mercantil regional, uma vez que, graças à implantação da ferrovia, suas cidades funcionavam como canal de transporte dos produtos agrícolas oriundos de Goiás.

A falta de tecnologia para o beneficiamento da produção agrícola no estado acarretou mais um vínculo de subordinação econômico entre Goiás e a região do Triângulo, pois toda a produção agrícola oriunda das terras goianas era beneficiada em

Minas Gerais. Acresce-se ainda que alguns agricultores tinham sua produção financiada por comerciantes triangulinos (ESTEVAM, 1998).

Palacín e Moraes (2008) asseveram que, não obstante a maioria da população trabalhasse na agricultura, a maior fonte de geração de renda do estado era a pecuária, visto que o “gado em pé” era um produto exportável com mais facilidade e, consequentemente, em maior quantidade. Sob esse aspecto, a interligação entre a economia goiana e a triangulina vertia-se em dois polos: negativo e positivo.

Negativamente, a economia goiana estava subjugada à mineira, tanto na agricultura, como na pecuária, uma vez que a maior fonte de arrecadação do estado era o fornecimento de reses que, vendidas pelos goianos a um baixo preço de custo, após serem cevadas nos pastos mineiros eram vendidas por um preço bem superior aos matadouros paulistas. Em contrapartida, positivamente identificamos graças a essa conexão, uma ligeira autonomia econômica do sudoeste e sudeste goiano, quando comparados às demais regiões do estado.

Esse ligeiro desenvolvimento foi responsável pelo aumento da densidade demográfica, além de algumas alterações na estrutura política do sudeste e sudoeste, que já não se mantinham fixadas no sistema socioeconômico de estrutura fundiária, ao contrário das zonas norte e nordeste, que permaneciam nessas circunstâncias à mercê dos grandes proprietários de terra.

Por muito tempo, a supremacia política e administrativa do estado permaneceu sob o jugo dos ricos latifundiários, assemelhados em muitos aspectos aos antigos senhores feudais da Europa medieval. Apenas as grandes fazendas tinham condições de produzir excedentes para comércio com os estados vizinhos.

Segundo Palacín e Moraes (2008), os grandes proprietários, apesar de não possuírem capital líquido, gozavam de influência política, exercendo domínio financeiro e econômico sobre os trabalhadores. Nota-se que as oligarquias descentralizadoras dos governos estadual e federal é que determinavam as relações econômicas e de poderio em terras goianas, do início do século XX até a década de 1930.

Justifica-se por este motivo a posição contrária dos latifundiários do norte e nordeste goiano à expansão da Mogiana, posto que uma maior abertura comercial enfraqueceria sua hegemonia comercial e, por conseguinte, sua influência política. Conquanto, os esforços da classe oligárquica goiana não foram suficientes, pois o projeto

de expansão da Mogiana antecedia aos conflitos partidários regionais vigentes naquele momento.

Ademais, “em função do antigo projeto de extensão da Mogiana, do empenho das forças econômicas sulistas e das concessões feitas pelo governo estadual, os trilhos, em 1913, ingressaram no extremo sul de Goiás” (ESTEVAM, 1998, p. 91), contrariando os interesses tanto dos grandes proprietários goianos, quanto dos comerciantes mineiros, que viram escapar de suas mãos o controle econômico do sul (sudeste e sudoeste) goiano. Em 1935, a ferrovia já alcançava a cidade de Anápolis, tendo avançado 387 quilômetros Goiás adentro.

Diante do exposto, não por acaso, vimos surgir nos grupos políticos do sul (sudeste se sudoeste) a intenção de outra forma de governo diferente do sistema oligárquico, tão comum no período da República Velha, e que colocasse Goiás nos novos moldes políticos e sociais.

Sob a liderança de Pedro Ludovico, influenciado pelos inovadores posicionamentos político-partidários da Revolução de 30, começa a ser executado o sistema de governo vigente na Nova República, até então sem espaço no estado de Goiás. Ao se tornar governador, Ludovico, mediante uma problemática antiga - a mudança da sede do poder público do Estado, até então na Cidade Goiás (Vila Boa) - coloca em prática o plano de construir uma nova capital. Em 1937, nasce Goiânia.

O impacto social com a transferência do *locus* do poder público para a região mais central do estado incide, primeiramente, na densidade demográfica, já que favoreceu a imigração e o desenvolvimento de serviços como escolas, bancos, hospitais, comércio etc. Goiânia tornou-se o primeiro centro urbano de representatividade no estado de Goiás perante o resto do país. Palacín e Morares (2008, p. 164) evidenciam que

A população se multiplica; as vias de comunicação realizam a integração do Estado com o resto do país e no seu interior; assiste-se a uma impressionante exposição urbana, com o desenvolvimento concomitante de todo tipo de serviços (a educação especialmente); contudo, Goiás continua sendo um estado de economia primária, com uma exploração extensiva de baixa produtividade.

Destarte, no âmbito da economia, Goiás continua a ser um estado em que predomina a produção em larga escala do setor primário (pecuária e agricultura), especialmente na agricultura, em que são acrescentados variedades de cultivo, para além de seus itens basilares (principalmente o arroz, seguido do milho e feijão).

Após a síntese dos fatos mais importantes que movimentaram a economia goiana entre 1900 até aproximadamente de 1944, no tópico infracitado, exporemos o que Teixeira (1944) descreve na obra “Estudos de Dialetologia Portuguesa – Linguagem de Goiás”, com enfoque voltado para os meios de produção de capital financeiro e modos de subsistência.

## **2 O registro dos traços socioeconômicos de Goiás (1900- 1944) através do léxico**

Encetamos com a descrição de cada um dos tópicos utilizados para a composição de nosso *corpus* de estudo. Nesta seção, faremos uma síntese do conteúdo dos capítulos “Prefácio” e “IV - **Glosário<sup>1</sup>** Regional”. A obra “Estudos de Dialetologia Portuguesa – Linguagem de Goiás” (TEIXEIRA, 1944) totaliza quatro capítulos, destinados a abordar a variação linguística em Goiás nos níveis fonético, morfológico, sintático e léxico-semântico (o denominado **glosário**). Entretanto, versaremos apenas sobre sua parte introdutória e o capítulo quarto, pois os demais não são essenciais para esta investigação.

No tópico “Prefácio”, Teixeira (1944) expõe sua intenção, que é a de apresentar um estudo sistematizado sobre a variação diatópica do estado de Goiás na década de 1940, atentando-se, também, para a variação diastrática, ao separar os falantes em grupos, de acordo com sua situação financeira, o que implicava consideravelmente seu grau de instrução (analfabetos, semianalfabetos, alfabetizados e letrados).

Reitera, ainda, que os locais percorridos durante a sua pesquisa foram as zonas sul, leste, centro e **pré-norte**, por conta de melhores condições físicas de acesso. Convém mencionarmos que nessa época, Tocantins e Goiás não haviam sido separados, formando um único estado.

Ao que tudo indica, nas afirmações de Teixeira (1944), podendo ser atestadas mais adiante em um protótipo de carta linguística presente na obra, correspondente à fração territorial do atual Tocantins, somente de três a quatro municípios situados atualmente no centro-sul desta unidade federativa tiveram registradas suas variações.

Outrossim, assevera que “O estudo da morfologia social goiana revela uma sociedade mais simples e menos complexa do que as de outros estados de maior

---

<sup>1</sup> Optamos por manter a grafia original, conforme consta na obra “Estudos de Dialetologia Portuguesa – Linguagem de Goiás”. Todos os excertos retirados foram transcritos exatamente como grafados pelo autor em 1944. Para a distinção desses itens léxicos, recorremos ao negrito e ao itálico, sem adequação para a norma ortográfica atual.

população e maior progresso" (TEIXEIRA, 1944, p. 4). No que tange a sua constituição populacional, Goiás traduziu-se em um estado de baixa densidade demográfica formado, por uma capital nova – Goiânia - e pequenas vilas distantes entre si, cuja base econômica é a agropecuária e em menor proporção, o comércio.

Este excerto, de importância cabal, é que despertou-nos para fazer um trabalho desta natureza, posto que Teixeira (1944, p. 5, grifos do autor) elenca as profissões que organizaremos na estrutura de campos. Observem-se:

A vida, em geral, nestes centros se resume no comércio com as populações camponesas, disseminadas no município e numa rudimentar indústria artesã. Em torno, na extensão do campo sem fim, se sucedem as fazendas enormes, imprensando os sítios e pequenas propriedades.

Na cidade, a **cúpola** da pirâmide social é constituída por uma diminuta camada de "letrados" - juiz, promotor, delegado, padre, prefeito, escrivão, médico, rábula, farmacêutico, dentista, professora, funcionários graduados do Estado, coronéis, e maiores, fazendeiros no município, e poucos comerciantes mais prósperos. Logo abaixo vem, mais numerosa a classe dos vendeiros, dos artífices, dos assalariados de profissões várias, inclusive jornaleiros do campo, cujas famílias moram nas pontas de rua e atrás da vila.

No campo, abaixo dos grandes proprietários e donos de fazendas ficam os sitiante e "queijeiros", e mais abaixo, os agregados e camaradas, que constituem a principal base da massa camponesa. Com exceção dos poucos centros urbanos mais adiantados e portanto mais complexos socialmente, é esta a fisionomia dos agrupamentos urbanos de Goiás.

O prefácio não traz exatamente a descrição das profissões, porque além de não ser essa a sua função, compreendemos, pelo contexto transcrito acima, que se tratam das formas de trabalho existentes de acordo com as demandas do lugar e do período.

No capítulo IV - **Glosário** Regional, a outra fração que nos interessa para o presente trabalho, o autor elenca 252 unidades lexicais em ordem alfabética, com orientação semasiológica, tendo normalmente, em sua composição, marcação de uso, categorização léxico-gramatical, acepções, abonações e a cidade, região ou zona em que foi registrada a unidade.

Teixeira (1944) recolheu os itens lexicais a partir da realização de entrevistas/contato com populares no interior do estado de Goiás no período que compreende as décadas de trinta e quarenta do século passado. O autor não explicita se utilizou algum tipo de questionário semântico-lexical com perguntas direcionadas, ou se registrou aleatoriamente as unidades, motivado pelo seu grau de recorrência.

**Revista do SELL**

v. 5, no. 3

ISSN: 1983 – 3873

Feita a exposição genérica das seções selecionadas, convém destacar que o critério utilizado para a inventariação dessas unidades como lexias designadoras de profissões, instrumentos e locais de trabalho, firma-se em;

(i) **prefácio:** no encadeamento discursivo do texto, que denota sem deixar margem de dúvida que são situações relacionadas a tipos, materiais e lugares específicos a determinados ofícios;

(ii) **glossário:** consideramos primeiramente a definição do autor. Se não foi registrada a definição/descrição do significado da unidade lexical, mas apenas as abonações ou exemplos, ou se não fica explícito algum tipo de relação com trabalho (como ocorre com algumas profissões e utensílios), adotamos como parâmetro seletivo a dimensão contextual, bem como o conhecimento prévio de que os itens léxicos integram o campo em questão.

No quadro abaixo, elencamos em ordem alfabética o total de 42 itens léxicos relativos ao trabalho, inventariados a partir do registro de Teixeira (1944).

<b>ITENS LÉXICOS</b>	
<b>Prefácio</b>	<b>Glosário Regional</b>
1. agregados 2. artífices 3. assalariados de profissões várias 4. atividades agrícolas e pastoris 5. camaradas 6. comerciantes 7. comércio 8. delegado 9. dentista 10. escrivão 11. farmacêutico 12. fazendeiros 13. funcionários graduados do estado 14. grandes proprietários 15. jornaleiros do campo 16. juiz 17. maiores e coronéis 18. médico 19. padre 20. pião 21. prefeito 22. professora 23. promotor 24. queijeiros 25. rábula 26. rudimentar indústria artesã 27. sitiantes 28. vaqueiros 29. vendeiros	1. berrante 2. boncha 3. calumbá 4. camisa-vermelha 5. capangueiro 6. capineiro 7. logradouros 8. mulandeiro 9. onça-pintada 10. rebaxa 11. roqueira 12. saraguá 13. treição

**Quadro I** – Unidades lexicais extraídas do livro “Estudos de Dialetologia Portuguesa – Linguagem de Goiás”, (TEIXEIRA, 1944) presentes nas seções “Prefácio” e capítulo “IV – **Glosário Regional**”.

A listagem dessas unidades lexicais, a que doravante nos referiremos como lexemas, configurou a etapa primeira para a organização do **campo lexical trabalho**, com base nos pressupostos teórico-metodológicos, bem como na terminologia da Semântica Estrutural Diacrônica/Lexemática, explicitados adiante.

### **3. A ação do léxico: fotografia linguística-cultural por meio do registro verbal.**

A realização de uma investigação de cunho lexical tendo como pilar a relação entre língua e cultura suscita, antes de mais nada, o esclarecimento de que a ligação entre ambas, embora estreita, não é de coexistência absoluta, visto que a ausência de uma não rechaça a existência da outra.

Trata-se de uma conexão que nasce no seio da convivência social. Isto é o que permite a definição genérica do termo cultura, como um grande conjunto criado pelo homem na base das suas faculdades humanas, integrando aspectos físicos, biológicos e sociais (CÂMARA JR., 2004).

Neste sentido, o termo faculdade, que traduz-se em possibilidade, capacidade ou aptidão natural, abarca a língua(gem), dentre as formas de organização cultural. Segundo Câmara Jr. (2004), a linguagem, totalidade de sons vocais de que se servem os seres humanos para a comunicação, adquire esse caráter devido à atribuição de propriedades simbólicas e representativas permanentes, conferidas à totalidade desses sons vocais de uma língua.

A língua, metassistema construído natural e historicamente, abrange simultaneamente elementos internos e externos. Os elementos internos são uma espécie de diretrizes<sup>2</sup>, que delimitam suas possibilidades de uso e consistem na estrutura/forma da língua. São arbitrários, logo, não recebem a interferência direta da cultura em que se inserem, podendo inclusive servir a agrupamentos sociais diversos.

Já os elementos externos, por sua vez, interferem de forma mais sensível no que tange à representação verbal do arcabouço vocabular da língua, e a sua cardinal atribuição: a de veicular, através da representação linguística, tudo o que se faz presente no universo.

---

<sup>2</sup> Entende-se por diretriz a gramática da língua em seu sentido *lato* e que, enquanto um subsistema da língua, é o conjunto das formas factíveis de uso para transmissão de conteúdos linguísticos concretos e abstratos.

Frente ao exposto, inferimos que a língua é parte da cultura, cuja função substancial é a de tornar comum aos membros de uma sociedade o que a última institui como padrão em qualquer de suas instâncias (política, econômica, religiosa, científica, filosófica), enfim, tudo o que concerne à vivência coletiva.

Interessa-nos, contudo, dissertar com mais afinco sobre a estrutura vocabular. Assim, é no terreno dos vocábulos que vemos registrados os conceitos que nomeiam e classificam os referentes extrínsecos a língua.

Este terreno, no âmbito da ciência da linguagem, denominamos de léxico e a cada uma de suas partículas integrantes de unidades/itens lexicais, aos quais é delegada a função de verbalizar, por meio do nome, o conceito daquilo que eles representam: objetos, situações, ações, entidades, sentimentos, seres, inclusos em uma vastidão. Desse modo, o nome, para além da função designativa, também efetiva as existências (LOPES; RIO-TORTO, 2007).

Uma unidade lexical, ao rotular o conceito de um referente extralingüístico, cumpre uma dupla função: a de situar esse conceito e seu referente no âmbito dos usos da linguagem de uma comunidade linguística e, ao mesmo tempo, a de distingui-los conforme cada uma de suas propriedades, agrupadas sob diferentes signos linguísticos.

Essas propriedades ou traços são as características que cada referente descrito por meio de um conceito e designado na forma de um item lexical (compreendendo traços materiais, imateriais, ações, seres) distingue cada elemento em sua representação verbal. É no conjunto dos traços de significação comuns ou diversos que se percebem as possibilidades de agrupamentos em campos lexicais ou em campos semânticos.

Dubois *et al.* (2006, p. 366) destacam que “na terminologia mais corrente, a noção de campo léxico não se distingue claramente da de campo semântico”. Tanto para a Lexicologia como para a Semântica Estrutural Diacrônica, existe uma dificuldade em se fazer a separação entre os dois tipos de campo, visto que um e outro configuram recursos para a análise dos significados das unidades lexicais.

Contanto, é indispensável para a compreensão dessa diferença o entendimento do viés investigativo da Semântica Estrutural Diacrônica ou Lexemática. Coseriu (1977) a define como estudo estrutural do léxico, da estrutura de seu conteúdo. Ressalta, ainda, a diferença entre relações de significação – que se dão no âmbito dos significados e, as relações de designação – que vigoram entre os signos e as realidades extralingüísticas que eles denominam.

Ainda para este autor, “Na lexemática se trata exclusivamente da estruturação das relações de significação” (COSERIU, 1977, p. 163, tradução nossa<sup>3</sup>). Destarte, percebe-se neste excerto a dissensão entre a **Onomasiologia** e a **Lexemática**. Usualmente, associamos à Onomasiologia o estudo do significado, visto que se parte do conceito de uma unidade lexical tendo como viés investigativo as relações de significado e os diferentes signos que o denominam.

Em outra perspectiva, a Lexemática tem como objeto investigativo as relações entre os significados, seja observando sua ação entre **línguas históricas**, produto natural da evolução linguística e cultural de uma sociedade com a função de comunicar, e **línguas funcionais**, que são as variações dentro de uma mesma língua histórica consoantes à situação de uso (lugar, época, contexto formal ou informal, especificidade de determinado grupo de falantes etc.).

As relações de significação consistem, antes de tudo, na oposição entre os conceitos. De acordo com cada esfera em que se dão, receberão uma taxonomia distinta. Por **arquitetura**, compreendem-se as **relações de oposição entre os termos de línguas históricas distintas**, ao passo que, por **estrutura** inferem-se as **relações de oposição entre os termos de uma língua funcional** (COSERIU, 1977). É nesta última cadeia de relações que sustentamos a presente pesquisa.

Por oposição entre os conceitos, depreendem-se as propriedades ou traços semânticos que aqueles apresentam e/ou podem adquirir consoante a sua funcionalidade, ou seja, perante a conjuntura em que se enquadram atendendo a uma demanda comunicacional. É por meio da diversidade de possibilidades ou paradigmas de usos lexicais que identificamos os campos lexicais, que Coseriu assim delineia (1977, p. 210);

O campo léxico é uma estrutura paradigmática primária do léxico; mas ainda: é neste domínio, a estrutura paradigmática por excelência. Pode definir-se como paradigma constituído por unidades léxicas de conteúdo (lexemas) que se dividem em uma faixa de significação contínua comum e se encontram em oposição imediata umas com as outras. Mas deve-se notar que a oposição imediata pode estabelecer-se também entre uma arquiunidade/arquilexema – expressada ou não – e uma unidade, bem como entre arquiunidades. Quer dizer que um campo pode estar incluído em outro campo; pode constituir uma seção de um campo de ordem superior. Em um microcampo, as oposições se estabelecem entre unidades léxicas simplesmente (lexemas); em um macrocampo, um

<sup>3</sup> Cf. a versão original “En la lexamática se trata exclusivamente de la estructuración de las relaciones de significación” (COSERIU, 1977, p. 163).

microcampo inteiro pode opor-se, como arquilexema, a um lexema ou a outros arquilexemas<sup>4</sup> (Tradução nossa).

Tendo como suporte a definição de campo lexical acima, organizamos na estrutura de campo os lexemas inventariados transcritos no tópico anterior. Cabe elucidar que existe uma diferença terminológica entre o que a Lexicologia e Semântica Estrutural Diacrônica ou Lexemática entendem como lexema<sup>5</sup>.

Para a Lexicologia, um lexema é uma unidade léxica abstrata, ou seja, a unidade em sua forma base, que é adequada à circunstância de uso, tornando-se uma lexia, forma que o lexema assume no discurso (BIDERMAN, 1984). Já para Lexemática, o termo lexema denomina as unidades lexicais que funcionam em um campo lexical (GECKELER, 1971). Percebe-se que o que a Lexicologia considera como lexia, a Lexemática concebe como lexema.

Na proposta de fazer um estudo da disposição socioeconômica de Goiás ao longo do primeiro quadragésimo do século XX, não encontramos arquilexema que melhor recobrisse este campo do que o lexema **trabalho**, que aqui atua como denominador comum (GECKELER, 1971) das atividades em que se sustentava a economia goiana de outrora.

O arquilexema **trabalho** intitula o macrocampo que abrange as unidades lexicais presentes no *corpus*; os microcampos foram divididos e estruturados levando em conta traços sêmicos essenciais para a descrição de uma atividade que configure o que conhece por trabalho “atividade profissional regular, remunerada ou assalariada” (HOUAISS, 2007).

O traço [+ relativo à atividade profissional] foi o que norteou a seleção dos lexemas, principalmente no **Glosário** Regional, em que os lemas são elencados em ordem alfabética, desconsiderando qualquer tipo de relação de significado entre as unidades registradas.

---

<sup>4</sup> Cf. na versão original; El campo léxico es una estrutura paradigmática primaria del léxico; más aún: es, en este dominio, la estructura paradigmática por excelencia. Puede definirse como ‘paradigma constituido por unidades léxicas de contenido («lexemas») que se reparten una zona de significación continua e común e se encuentran en oposición «inmediata» puede establecerse también entre una archiunidad («archilexema») –expresada o no – y una unidad, o bien entre archiunidades. Es decir que un campo puede estar incluido en otro campo: puede constituir una sección de un campo de orden superior. En un microcampo, las oposiciones se establecen entre unidades léxicas simplemente («lexemas»); en un macrocampo, un microcampo entero puede oponerse, como archilexema, a un lexema o a otros archilexemas (COSERIU, 1977, p. 210, grifos do autor).

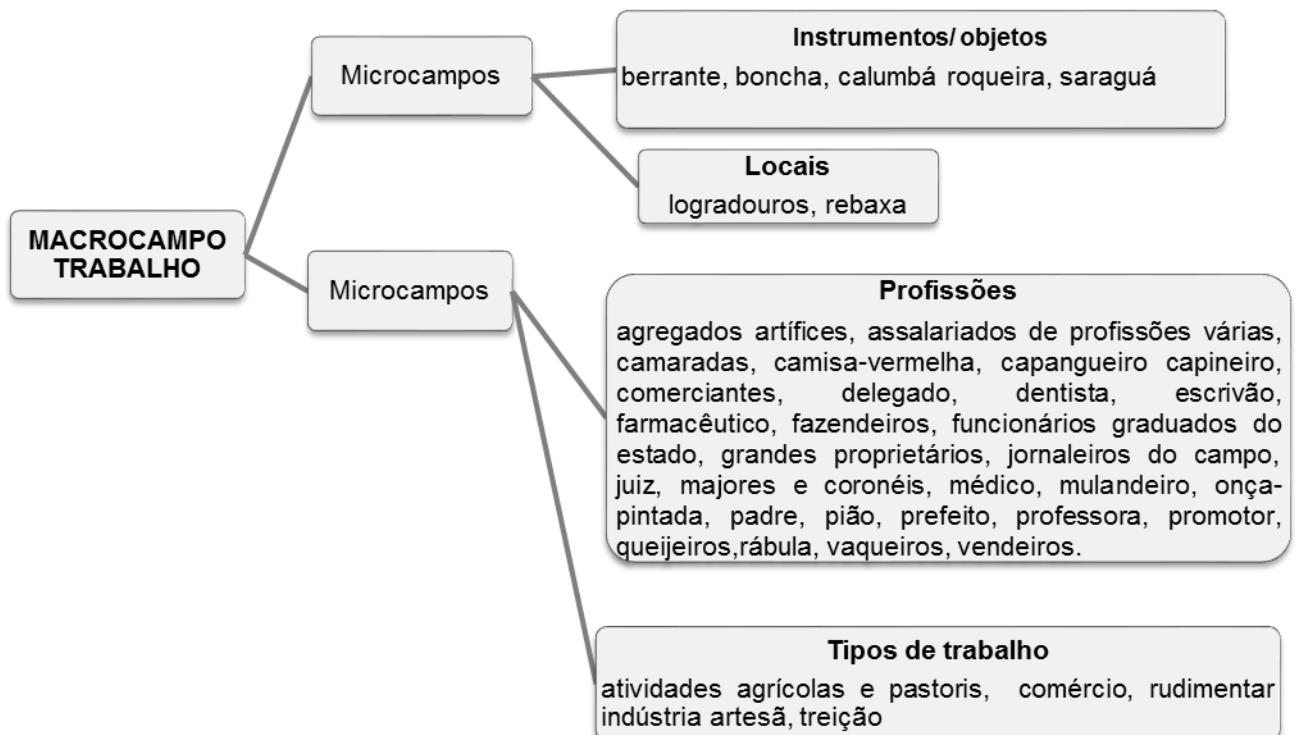
<sup>5</sup> Adotamos neste estudo, o conceito de lexema consoante à terminologia da Lexemática.

Para seletar os instrumentos/objetos que, em grande parte, não trazem em sua definição algum dado que especificasse a sua ligação com as atividades laborais da sincronia escolhida, recorremos a informes sócio-históricos para validar nossas hipóteses.

Ainda que na seção “Prefácio” estivesse óbvio que se tratava de atividades profissionais, o encadeamento textual em que foram apresentadas não se restringia só a este âmbito, pois o estudo da morfologia social goiana (TEIXEIRA, 1944) não se limita apenas à economia. Os traços semânticos mantidos entre os lexemas é que possibilitaram seu agrupamento. Quanto à oposição dos traços, pode-se dizer que ela foi a responsável pela primeira subdivisão dos campos antes da seleção do grupo de lexemas em cada subcampo.

Fazem parte do macrocampo **trabalho** os microcampos **instrumentos/objetos**; **locais**; **profissões** e **tipos de trabalho**. As quatro subdivisões representam as dimensões do campo em questão, que podem ser encaradas como escalas para as oposições entre os lexemas integrantes de um mesmo campo (GECKELER, 1971). Veja-se:

**Figura 1** - Campo lexical **Trabalho**, organizado com base no registro das unidades lexicais arroladas por Teixeira (1944), nas seções “Prefácio” “IV- **Glosário Regional**”.



**Fonte:** Elaborado pela autora.

As propriedades semânticas que subsidiaram a distribuição entre os microcampos e que estão em concordância com cada dimensão foram:

- a) [+/- relativo à atividade profissional];
- b) [+ ocupação/ofício];
- c) [+ ferramenta/utensílio];
- d) [+ ambiente de trabalho];
- e) [+ tipo de atividade];

A título de ilustração, pontuamos algumas breves considerações sobre cinco dos lexemas, que figuram no Prefácio (grandes proprietários e jornaleiros do campo) e no **Glosário Regional** (berrante, camisa-vermelha e logradouros):

- ❖ **berrante:** Teixeira (1944) descreve como uma espécie de buzina, feita de chifre bovino, de som monótono e prolongado, utilizada pelos vaqueiros para conduzir o gado. Observamos a partir desta definição características das condições de transporte do gado, principal fonte geradora de renda da economia goiana. Remonta-se, então, ao que Palacín e Moraes (2008) denominam de transporte de “gado em pé”, que significa dizer, na verdade, que o gado era transladado sem nenhum veículo, com o auxílio de tropeiros. Os animais seguiam caminhando, conduzidos por boiadeiros e equipe de tropeiros, homens que tinham por tarefa cuidar das reses até que o rebanho atingisse condições físicas necessárias para transporte e venda em Minas Gerais.
- ❖ **camisa-vermelha:** Trata-se de um jagunço da polícia de Goiás, cujo trabalho era o de defender o Presidente da República em sua passagem por Goiás. Para elucidação do significado do lexema, buscamos no Dicionário do Brasil Central, que contém regionalismos do Brasil central, o significado deste lexema. Ortêncio (2009) descreve-o como subentrada do verbete camisa, por meio dos exemplos:

Eram famosos os camisas-vermelhas do senador Totó, milícia política organizada e bem treinada por chefes de sua inteira confiança, em todas as regiões do Estado.” CIN, 15.3.1971. “No governo dos Caiados, houve uma célebre corporação, uma espécie de guarda de ferro do domínio caiadista. Chamava-se dos camisas-vermelhas era composta de jagunços célebres e de toda casta de desordeiros.

De acordo com a descrição de Teixeira (1944), reforçado pelo que insta no Dicionário do Brasil Central (2009), constatamos que esse lexema associa-se ao **caiadismo**, política oligárquica que prevaleceu absoluta em Goiás do período que vai de 1912 até meados de 1930. Liderados por Antônio Ramos Caiado, político influente não apenas na região de goiás, bem como em todo país.

- ❖ **logradouros:** Abatedor de gado (TEIXEIRA, 1944). Este lexema **se** reporta imediatamente à principal atividade em que se assentava financeiramente a sociedade goiana, no início do século XX, a pecuária.
- ❖ **grandes proprietários:** Lexema, que por fazer parte do “Prefácio”, não traz uma definição. Contudo, por meio do encadeamento textual e dos informes de ordem histórica, depreendemos que são os grandes latifundiários que, para além de donos de grandes frações de terra, exerciam o poder centralizador em Goiás.
- ❖ **jornaleiros do campo:** Consoante a circunstância tanto do presente estudo quanto da obra de Teixeira (1944), inferimos imediatamente que o lexema jornaleiro designa o trabalhador que recebe por diária. Sustentamos nossa afirmação em dois tipos de acervos lexicográficos, sendo um geral e um parcial, respectivamente: (a) o Dicionário Houaiss (2007) – “diz-se de trabalhador a quem se paga jornal”; (b) o Dicionário do Brasil Central – “assalariado diário”, entendendo que jornal é o pagamento por cada dia de trabalho.

#### **4. Notas concludentes**

A discussão promovida no presente trabalho teve como tema a configuração econômica e financeira de Goiás, no recorte temporal de 1900-1944, utilizando como *corpus* uma obra de matiz dialetológica, com propósito de demonstrar o quanto é relevante uma investigação concernente a quaisquer níveis de organização social fundamentada na tríade língua, léxico e cultura.

Observar o que o léxico encerra é uma forma de observar também as práticas culturais de uma comunidade linguística, pois cada movimento na estrutura de uma sociedade é imediatamente refletido no mesmo. O léxico, ao representar simbolicamente na língua os referentes e suas descrições registra os aspectos de espaço, tempo e situação.

Neste sentido, rematamos que por meio da estruturação em campos lexicais e breve discussão dos elementos relacionados ao **trabalho**, presentes na obra “Estudos de Dialetologia Portuguesa - Linguagem de Goiás”, (TEIXEIRA, 1944), sob a perspectiva da Lexemática, postulada por Coseriu (1977) e Geckeler (1971), apresentamos uma parcela da conformação sócio-histórica goiana nas quatro décadas iniciais do século passado.

Assim sendo, depreendemos ter alcançado o nosso ensejo de realizar, com base na língua, essencialmente no léxico, uma investigação cujo fulcro é uma das estruturas em que se funda a sociedade contemporânea - o trabalho -, refletido nas redes de significação opostas ou iguais, dispostas em campos lexicais inter-relacionados a uma dada época e espaço, histórica e socialmente nomeados e designados na língua.

## **Referências**

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Glossário. **Alfa**. São Paulo, 28 (supl.), p. 135-144, 1984.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. Língua e cultura. In: UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão (Org.). **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 287-293. (Série dispersos).

COSERIU, Eugenio. **Principios de semântica estructural**. Tradução Marcos Martínez Hernández. Madrid: Editorial Gredos, S. A., 1977. (Biblioteca românica hispânica. II Estudios y ensayos, 259).

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

ESTEVAM, Luís. **O tempo da transformação**: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás. Goiânia: Ed. do Autor, 1998.

GECKELER, Horst. **Semântica estructural y teoría del campo léxico**. Tradução Marcos Martínez Hernández. Madrid: Editorial Gredos, S. A., 1971. (Biblioteca românica hispânica. II Estudios y ensayos, 241). Tradução de Strukturelle semantik und wortfeldtheorie.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Sales. **Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa 2.0a**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007.

LOPES, Ana Cristina Macário; RIO-TORTO, Graça. **Semântica**. Lisboa: Editorial Caminho, 2007. (Coleção Essencial sobre Língua Portuguesa).

ORTÊNCIO, Bariani. **Dicionário do Brasil Central** – subsídios à Filologia. 2. ed. rev. e ampl. Goiânia: Kelps, 2009.

PALACÍN, Luís; MORAES, Maria Augusta de Sant'anna. **História de Goiás**. 7. ed. Goiânia: Ed. da UCG, 2008.

**Revista do SELL**

v. 5, no. 3

ISSN: 1983 – 3873

TEIXEIRA, José Aparecido. **Estudos de Dialetologia Portuguesa** – Linguagem de Goiás. São Paulo: Ed. Anchieta, 1944.